

Desindexação para todos

Se o governo não fugir da raia, a economia brasileira passará por uma das grandes transformações de sua história. Entre hoje e amanhã, ou no máximo sexta-feira, ele poderá transformar a inflação numa praga capaz de arruinar o País, as empresas e os cidadãos. Fará isso se entrar de cabeça na desindexação, mas de cabeça mesmo, desindexando com impiedosa selvageria.

O projeto de desindexação ganhou vida no dia 12 de maio passado, no velho prédio do Ministério da Fazenda, no Rio. Quem viu a cena dificilmente haverá de esquecê-la.

Estavam reunidos todos os sábios da autodenominada Equipe Econômica do governo e discutiam a introdução de um "reduzidor" para o cálculo dos salários. Seria uma repetição da fórmula de reajustes um pouco abaixo da inflação.

A certa altura a palavra passou ao então presidente do Banco Central, Pêrsio Arida. Ele fez uma agressiva defesa da desindexação, demonstrando que, por motivos econômicos e políticos, não só era a solução mais adequada, como também a mais honesta. Quando terminou, o reduzidor estava moído. Desde então, e até hoje, o que se discute no governo é a profundidade da desindexação.

De todas as possibilidades, a mais rasa é a dos salários. Jogam-se os trabalhadores na livre negociação, tunga-se o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, passa-se a mão em alguns mecanismos do Fundo de Amparo ao Trabalhador e, feito o desmanche, deixa-se o resto para depois.

A mais profunda desindexação, inclusive a Ufir, unidade monetária criada pelo governo para o cálculo dos impostos. É difícil, e até mesmo lamentável, que se chegue a esse ponto, mas a porca não torce o rabo por aí. O problema central está na desindexação do capital, que transforma a inflação em ruína de quem deve e em bancarrota para instituições financeiras e empresas ineptas.

Essa desindexação parece malvada, mas na realidade ela apenas vira o jogo. Converte um país que se habituou a conviver com a inflação (para vantagem de quem tem muito e infelicidade de quem tem pouco) numa sociedade em que a desvaloriza-

ção da moeda pode significar a ruína para ambos e, sobretudo, para os governantes. Nela os bancos habituados a recitar a ladinha de índices do governo terão que ir à luta com as próprias taxas.

E não adianta dizer que o sistema financeiro criará índices próprios, porque isso era o que achava a banca de Nova York quando apareceu por lá um sujeito chamado Edmond Safra. Começou a dar brindes aos depositantes (dava até panelas) e foi considerado um empresário vulgar.

Pois hoje o Republic é um dos maiores bancos americanos e Edmond Safra passa boa parte de seu tempo na sua Villa Leopolda, na Riviera francesa.

Para a classe média a desindexação significa a certeza de que um surto inflacionário pode arruinar uma família endividada.

É má notícia, mas ainda assim é melhor viver num país onde isso acontece do que numa sociedade que subsidia uma classe de devedores de casa própria com o dinheiro que deveria ter ido para a urbanização da favela que apareceu perto do condomínio.

Uma desindexação que leve a livre negociação mais para o trabalho do que para o capital resultará num afago para quem ganha com a inflação e no apedrejamento de quem perde.

Hoje o cidadão comum tem as principais despesas de seu orçamento movidas pelos indicadores oficiais. O salário, os alugueis, as mensalidades escolares e os planos de saúde estão indexados. Soltando-se a amarra dos índices, cada colégio e cada companhia de seguros corre o risco de perder clientes. Admitindo-se que, ainda assim, os custos fiquem altos (coisa para a qual é essencial a contribuição do freguês), nada seria mais saudável que cobrar do Estado escolas e hospitais públicos que funcionem.

Afinal de contas, para a maioria dos brasileiros, os seguros de saúde e as mensalidades escolares são uma espécie de multa que lhes é cobrada por governantes ineptos para cuidar das políticas públicas.

Nos próximos dias o governo decidirá se a inflação será um risco de ruína para todos os brasileiros ou se uma desindexação marota mandará a conta para baixo e o lucro para cima.

**Uma grande
idéia
que tem
dono e ele
se chama
Pêrsio Arida**